

## CONECTANDO SABERES INDÍGENAS, XAMANISMO E COMUNICAÇÃO ANCESTRAL

Carlos Eduardo de Araújo\*

**Resumo:** A comunicação é essencial para todos os povos, expressando-se de formas simbólicas que moldam relações humanas, comunitárias e com a natureza. Entre os povos indígenas, ela adquire complexidade ao integrar ciência, arte e espiritualidade em uma dinâmica que envolve tanto seres vivos quanto não vivos, utilizando instrumentos, rituais, cantos, danças e outras ferramentas. Este ensaio propõe aprofundar a noção de Comunicação Ancestral, entendendo-a como uma rede complexa de interações entre seres humanos, natureza e espíritos. O problema central é a invisibilização dos modos indígenas de comunicação e construção de conhecimento, intensificada pela hegemonia do pensamento ocidental. Visibilizar essas práticas da ciência dos antigos é urgente para fortalecer a diversidade cultural, repensar a relação homem-natureza-espírito e também oferecer contribuições para pensar as ciências da Comunicação. A hipótese defende que a Comunicação Ancestral é um sistema sensível e complexo, capaz de inspirar novas relações éticas, epistemológicas e ecológicas. Autores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Marcia Kambeba, Edgar Morin, Lévi-Strauss, Sodré e Conceição Almeida sustentam a importância dos saberes ancestrais para regenerar o planeta. A continuidade das práticas comunicativas indígenas, apesar da colonização e suas violências históricas, revela sua força vital e relevância para as Ciências. Este ensaio pretende ser ampliado e concentrado com a metodologia que inclui análise teórico-crítica de autores indígenas e não-indígenas, escuta de narrativas orais, práticas de experimentação comunicativa sensível e a utilização da Cartografia, estratégia pensada por Andrielle Guilherme, para mapear essas práticas. Também propõe o diálogo com tecnologias contemporâneas para atualizar e difundir esses saberes.

**Palavras-chave:** Saberes indígenas; Xamanismo; Complexidade; Comunicação Ancestral.

### A COMUNICAÇÃO PRIMORDIAL

Nossos povos originários, primordiais nas comunicações, utilizam diferentes ferramentas e vias para realizar conexões, dentre eles os grafismos, as línguas, rituais, apitos, maracás, cachimbos, penas, além de símbolos, cantos, danças, flautas, tambores, entre outros. A complexidade presente neste processo de comunicação tem forte relação com as principais interfaces da vida dos povos indígenas. A interface entendida como espaço de produção de

---

\* Doutor em Educação (UFRN), Sociólogo (UFRN), professor de Geografia da Prefeitura Municipal de João Câmara/RN e Membro do Grupo de Pesquisadores da Complexidade de Ceará-Mirim/RN. 2019cadu@gmail.com

sentido ao conter um conjunto de códigos que se moldam na interação do sujeito, realizando uma interpretação, como nos lembra Carlos Scolari (2004), quando dialoga sobre homem e tecnologia, percebendo um diálogo em permanente interação e transformação, sendo a interface um dispositivo semiótico.

Em panorama, a Ciência, a Arte e a Espiritualidade são as interfaces onde se realizam esta comunicação de base complexa que influencia e é influenciada, constituinte e constituída, sendo um elo de livre circulação.

O que traz de valiosa as interações entre estas interfaces que os indígenas e xamãs caminham são as infinitas possibilidades, bifurcações, espontaneidades, retroalimentações e criações. A ciclicidade da vida se mostra em sua potência autogeradora e inviolável. Trata-se de uma retroalimentação, que torna capaz a troca de fluxos em que captamos e transmitimos, onde somos receptores e transmissores, vias de construção de conhecimentos, impulsionando a forma de pensar e viver dos indígenas. Na teoria da comunicação, o pensador inglês Gregory Bateson, desenvolveu o conceito de retroalimentação para falar de ciclos de autorregulação e amplificação, um processo sistêmico e complexo com diferentes níveis de interação que afetam os indivíduos, partindo de uma epistemologia ecológica de diversas interações entre homem e natureza, identificando assim, a complexidade dos processos interrelacionais (Gomes, 2014).

Este processo provoca a construção de saberes de forma permanente, funcionando talvez como uma enzima, capaz de catalisar, provocar reações no sentimento estético do ser. É um substrato que compõe a cosmopoética presente no modo de entender a vida, a terra, o universo, o homem e a natureza. Caminhar por estas interfaces e realizar uma comunicação plena requer sensibilidade, experimentação, observação, rituais e práticas, permitindo a circulação dos seres, suas memórias, ensinamentos e aprendizagens de valores, rituais e saberes ancestrais, indicando onde se enraízam as árvores-pilares da condição humana.

Este ensaio tem como horizonte a construção da ideia de Comunicação Ancestral enquanto conceito enraizado nos Saberes da Tradição que se refere à uma ampliação conceitual sobre as formas de comunicação a partir dos povos indígenas. Trata-se de apreender uma comunicação complexa que as sociedades indígenas preservam ao longo de séculos, em meio à todas as violências, silenciamentos e extermínios impetrados até os dias de hoje. O que está no âmago da força dos povos originários é sua relação com a natureza, a preservação de uma comunicação sensível com os elementos do universo, alimentados pelos saberes de seus ancestrais e pela herança de saberes xamânicos.

Esta ampliação das formas de conexão dos seres humanos se potencializa dentro de uma lógica do sensível, como propõe o antropólogo francês Lévi-Strauss (1976), onde os indígenas e xamãs se “afastam de distrações”, exercitam a sensibilidade e seguem para comunicações e dimensões sutis, realizando conexões que o pensamento ordinário não atinge ou desvirtua. Em essência, é um processo de conexão (comunicação) complexa, ampliada, capilar e profunda com a natureza, com os reinos minerais, animais, vegetais e espirituais, com a ancestralidade e práticas xamanistas.

Munis Sodré (2006), pensador negro da Bahia, dialoga sobre as estratégias do sensível, dentro e fora da grande mídia, para pensarmos as interações humanas e o lugar primordial do sensível, conectando seus desdobramentos ao sentido estético, evidenciando a força afetiva que transforma o corpo, a mente e o espírito na interação com o mundo, enquanto construto da realidade. Tal pensamento nos provoca a pensar o papel do sensível numa perspectiva epistemológica, principalmente em relação ao pensamento ocidental guiado pelo pragmatismo materialista.

Ao desenvolver a ideia de Comunicação Ancestral poderemos reunir os elementos para compreender que a natureza se comunica, que podemos estabelecer conexão com ela e escutarmos sua “fala”, sua sabedoria, assim como transmitir seus conhecimentos e retornar para ela os benefícios que recebemos, preservando-a. É também uma via para ampliarmos o olhar sobre a condição humana por meio dos saberes indígenas que nos propõe pensar nossa existência enquanto seres econômicos, sociais, políticos, culturais, prosaicos e, com a ampliação de nossas interações e comunicações, sermos entendidos também como seres simbólicos, poéticos, metafísicos, espirituais e complexos (Almeida, 2017).

Para o filósofo Ailton Krenak, indígena brasileiro, é por meio das diversas formas de conexão que a vida em sua potencialidade atravessa seu ser. Ele se refere à uma comunicação amorosa com o mundo, onde o ouvir o rio, as montanhas e demais elementos da natureza, senti-la, experimentá-la e vivenciar, repercute na sua forma de ser e pensar (2022). Uma forma de existir ampliada pelos ensinamentos da oralidade e os saberes ancestrais de seu povo. Esse processo, que pode ser lido como um caminhar epistemológico sobre a terra, lhe impulsiona a compreender cada vez mais o caráter vivo das coisas, reconhecendo o parentesco com as coisas do planeta.

Em outras palavras, é uma forma de borrar as fronteiras da comunicação, permitindo a fluidez das interações, a poesia das coisas, metamorfoseando o sentimento estético sobre a vida, provocando um olhar complexo, que passa a ser fundado numa cosmopoética. Nesse

entendimento, Krenak nos provoca pensar a fluidez que permite a confluência, a interação, a comunicação, e tal movimento permite o saber, o ensinar e o aprender a viver.

Para estas conexões/comunicações, seja direta ou indireta, verbal ou não-verbal, física ou espiritual, terrena ou extraterrena, os povos indígenas utilizam instrumentos (destacando-se o maracá, a flauta, o tambor), cantos, danças, rituais, cerimônias e, principalmente, a interações espontâneas com a natureza, com o suporte das tecnologias sofisticadas do sonho, da intuição, da evocação e plasticidades. Dentro da perspectiva complexa, a plasticidade nos provoca pensarmos nas múltiplas interações dos indivíduos, suas experiências e retroalimentações, em que os estímulos se tornam percepções.

A plasticidade se realiza pela transformação, acionada na interação, na retroalimentação e nas diferentes formas de comunicação dos indivíduos com os outros e o ambiente. Este processo envolve transformações neurais, ligadas ao sistema nervoso, afetado pelos ambientes e suas diferentes dimensões, o que nos remete ao processo contínuo de transformação dos indivíduos. A plasticidade significa, então, uma metamorfose que ocorre na relação do corpo e da mente com o mundo, sendo sua intensidade medida pela complexidade de interações (Morin, 2001)

Podemos visualizar que são estes processos de retroalimentação, interações, plasticidades e comunicações que propõe pensar as formas de construção dos conhecimentos indígenas, intrinsecamente ligados aos instrumentos e práticas, assim como, perpassa pelas interfaces da ciência, da arte e da espiritualidade, atravessadas por práticas científicas complexas que utilizam a experimentação, a matemática, conhecimentos físico-químicos, assim como a Intuição, a evocação, o transe, o êxtase e os sonhos (Araújo, 2022).

Este processo de construção de conhecimentos e comunicação tem por bases principais: a ancestralidade, a oralidade, simbologias, mitologias e o xamanismo, conjunto de vias que proporcionam apreender a complexidade da Comunicação ancestral, capaz de trazer elementos para “adiarmos o fim do mundo”, como preconiza Krenak (2019). Restaurar a comunicação ancestral com as diferentes vidas é resgatar o entendimento que somos parte deste ser vivo chamado Terra e que somos formados pelos mesmos elementos que compõem o universo, formando uma fraternidade entre nós as estrelas mais longínquas (Morin; Cassé, 2008).

Para Daniel Munduruku, escritor e educador indígena, a escuta dos anciões, do rio, das montanhas e os elementos que sustentam a vida de seu povo significa uma escuta sensível das vozes dos ancestrais, onde a ancestralidade é a grande voz que ensina a estar no presente. Ao pensar no presente, os ciclos ao qual fluem, as organizações, desorganizações, interações e

outros movimentos, podemos alcançar o entendimento de nossa integração plena ao cosmo, acometida por ordem, desordem e interações. Isso envolve o processo de autoconhecimento, como uma das vias principais para encontrarmos a conexão com a energia da vida, sendo também uma via para nos reconhecermos como parentes de todos os seres. Este entendimento descortina um pensamento ancestral circular ao qual vivemos (Munduruku, 2014).

## O FUTURO ANCESTRAL NO PRESENTE

A comunicação ancestral anuncia o futuro ancestral, o viver bem, o bem falar. Minha avó, rezadeira, conhecedora das plantas e das forças espirituais, dizia a minha mãe que me disse: "da nossa boca só deve sair palavra boa". É a comunicação das histórias de nossos ancestrais que permite escutarmos e repassarmos os ensinamentos. É a palavra que traz memórias, nos move, e permite receber conhecimentos, reverenciar o passado, viver o presente, construir o futuro, em retroalimentação com as gerações passadas, presentes e futuras, nos conectando à comunidade cósmica. É a palavra dita com o coração e que cura. A palavra boa é a que nos livra da colonização, combate o colonizador e sua monocultura da mente.

A interação pela oralidade permite resgatar histórias de nossos povos, realçar nossas memórias, reforçar nossa identidade, cantar canções que não se ouvem mais e que junto com tecnologias sofisticadas do sonhar, do intuir, do evocar, de consubstanciar, esta comunicação permite contar novas histórias e criar novos mundos, nos inspirando a criar novos horizontes possíveis. Uma ideia pertinente para este ensaio é pensar o diálogo da comunicação ancestral com as mídias digitais contemporâneas que possibilita contar novas histórias e criar novos mundos a partir da oralidade utilizada nas mídias digitais atuais, como o podcast, onde poderemos abordar as diferentes formas de comunicação, bem como, por meio do audiovisual.

É assim a conexão que se realiza na Comunicação Ancestral, uma via de repensar nossa existência no sentido de que nossas decisões são comunicadas por nossas ações e refletem a profundidade da conexão com a natureza. Caso contrário, distanciando-se da natureza e não colocando a vida no centro da complexidade do existir, estamos deixando de lado a capacidade humana de se conectar e entender este processo (Krenak, 2022). Não se trata de uma reflexão metafísica, mas sim, um ponto pertinente para pensarmos, de forma objetiva, o rumo de nossa civilização em que o frenesi do capital, o pragmatismo e o pensamento materialista impulsionam o esgarçamento da natureza e leva o povo da mercadoria, como chama Kopenawa

(2015) os destruidores da floresta, à não mais conseguirem se comunicar com a natureza e não perceberem as vidas que a compõem.

Os saberes indígenas confrontam o pensamento racionalizante e pragmático que trata a natureza apenas como matéria prima e mercadoria, promovendo uma exploração insustentável que esgota as possibilidades de reabilitação dos seus processos cíclicos. Indígenas sinalizam a necessidade de mantermos a nossa coesão enquanto comum-unidade, retomando a cosmovisão que compartilha e que vive com o espírito da floresta. Aqui, retomamos o pensador Sodré, em seu livro *A ciência do Comum* (2014), quando ele tece uma crítica ao pensamento ocidental que constrói uma narrativa racionalista e individualista do mundo e propõe uma epistemologia calcada na experiência coletiva, tendo como papel central a comunidade, onde se compartilha a afetividade, a sensibilidade das interações, as forças dos rituais e seus modos de construção de conhecimentos e de viver.

Nessa perspectiva, o pensamento indígena precisa ser entendido também como uma reserva antropológica de pensamento (Almeida, 2017), sendo a comunicação ancestral uma via possível de catalização das forças da natureza, mediador entre mundo e homens, caminhando por jornadas que inspiram a pensarmos que é possível vivermos de outra forma ao considerar a floresta, a ancestralidade e a espiritualidade como fonte inesgotável de conhecimentos e energias.

A comunicação ancestral é capaz de romper com a narrativa única que se instalou e insiste em nos falar que devemos dominar e utilizar a natureza para nosso desenvolvimento. A narrativa única, ou o liquidificador homogeneizante como coloca Viveiros de Castro (Kopenawa, 2015), interrompe nossa comunicação plena ao tirar a vida do centro das atenções e sobrepôr a dimensão econômica sobre todas as outras. Nas palavras de Ailton Krenak, o futuro só pode ser construído a partir do resgate das sabedorias ancestrais, ideia que se reforça em alguns conceitos, dentre eles o de Florestania, adensando a importância de se conectar com a natureza e respeitar os saberes locais, construindo a ideia de cidadania da natureza.

O diálogo proposto neste escrito permite realizar movimentos importantes nas ciências, imprescindível para as ciências da comunicação, ao proporcionar o encontro entre saberes da tradição e os saberes científicos, provocando um processo em que dialogam, se complementam e produzem conhecimentos juntas, fortalecendo uma democracia cognitiva e a diversidade de conhecimentos e narrativas.

Os saberes da Tradição permitem ampliar a reflexão sobre esta interação do ser com o mundo ao amplificar a ideia de comunicação ancestral, ao retomar um pensamento de

conjunção, uma via para sairmos do modo de vida competitivo e sem compromisso com o coletivo, motivos que nos empurram à catástrofe humana. Encontrar nossa história, do nosso lugar e a sabedoria dos nossos ancestrais, pode ser a recomposição cognitiva de um ser, no sentido de memória, e a composição de uma nova forma de ser no mundo.

Conectar os saberes da tradição nas ciências da comunicação é um movimento significativo e urgente se quisermos construir uma ecologia dos saberes, no seu sentido ampliado de abertura, diálogo e interação de ciências, fomentando a diversidade de pensamento, respeitando as reservas antropológicas de humanismos, fincado em pilares de uma cosmopoética (Araújo, 2022).

Os saberes da tradição, ideia ampliada pela pensadora Conceição Almeida (2017) propõe pensar uma democracia das formas de pensar, descolonizar o pensamento, dar voz às reservas antropológicas que resistiram às colonizações. Após séculos de agressões, marcada pela colonização, pela catequização, apropriação de saberes e recursos e de outras formas sutis de dominação e imposição de uma narrativa única, presenciamos então o pensamento moderno e as ideias da ciência prevalecerem, no chamado séculos das luzes, marcado pela abertura e redução do isolamento dos conhecimentos.

Entretanto prevalece a fragmentação dos conhecimentos com suas consequências negativas para a formação dos sujeitos, sua compreensão do mundo e suas ações. Uma dessas consequências se expressa pelo aprisionamento do nosso pensamento em uma monocultura mental, como explica Vandana Shiva (2003).

Na compreensão dessa cientista indiana, o aprisionamento e a domesticação do pensamento alienam consciências, ameaçam as diversidades culturais e naturais, já que o desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento de alternativas. Adjetivos como “primitivos” e “anticientíficos” são usados para desqualificar os saberes locais, promovendo sua deturpação (Shiva, 2003). Logo, “o primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas locais de saber é não considerá-los um saber” (Shiva, 2003, p. 22). Submetidos ao esquecimento e distorcidos diante das regras científicas vigentes, saberes ancestrais desenvolvidos entre diferentes povos nativos e tradicionais são tidos como ultrapassados, sem valor para pensar a existência.

Inicia-se então ora uma europeização, ora uma americanização do mundo. A ciência passa a buscar comprovações e interpretações dos fenômenos por meio de procedimentos tidos como neutros, reveladores de verdades. É nessa manipulação dos conhecimentos que as ciências modernas se tornam referência para ‘traduzir’ os fenômenos do mundo, achando-se possuidores

únicos dos saberes para guiar a humanidade e acreditando na construção de uma civilização baseada no mito do progresso científico.

Aos poucos, todo conhecimento que guiou a humanidade e suas atividades nas sociedades anteriores ao surgimento da ciência moderna, passou a ser desclassificado e adormeceu nas sociedades atuais.

Na contramão dessa manipulação do conhecimento científico, temos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, entre os quais Lévi-Strauss (2012), Edgar Morin (2011), Vandana Shiva (2003), Daniel Munduruku (2017), Toledo e Barrera-Bassols (2015), que postulam sobre a importância de buscarmos aprender a partir de outras referências que não só as ocidentais, ressaltando os saberes locais e originários.

O estudo desta temática está relacionado com a perda de culturas, comunidades e territórios, uma vez que a perda da biodiversidade com a devastação ambiental, assim como a perda das comunidades indígenas e das culturas, significa a perda de uma memória biocultural, como resalta Toledo e Barrera-Bassols (2015), em que extermínio de povos indígenas é a eliminação de sabedorias da espécie humana, constituindo-se um etnocídio, seguido de um memoricídio.

Atentar-se para a comunicação ancestral é uma politização do pensamento contra a barbárie do capital que torna cada vez mais a Terra inabitável. As alterações climáticas são um exemplo das consequências da falha de comunicação dos homens com as outras formas de vida, além do racismo ambiental contra os indígenas que, de certo modo, está relacionado também aos direitos humanos e ao patrimônio cultural que é a sabedoria indígena.

Edgar Morin diz que precisamos brincar diferentes heranças culturais, mediterrâneas, africanas e sul-americanas. Essas reversas de pensamento comportam modos míticos que integram o cosmos e a natureza. Tradições que podem nos ensinar a integrar e não destruir, dando atenção aos múltiplos saberes sobre os reinos vegetais, animais e minerais (Morin, 2011).

A importância de entendermos esta comunicação ancestral e ir ao encontro dessas reservas antropológicas da civilização nos permite perguntar: onde estaria, em pleno século XXI, este magma de saberes que foi destronado pelas sociedades históricas e repellido pelas ciências modernas? Seriam estes atores capazes de realimentar a civilização com reservas de saberes milenares? tais conexões ancestrais podem contribuir para a abertura de horizontes de uma vida sustentável, de indivíduos responsáveis diante de si mesmo e diante de uma comunidade em permanente partilha fraterna?.

Nesse itinerante, o xamanismo, enquanto forma de ser e pensar, fundado nos conhecimentos indígenas, se apresenta como conjunto de saberes e práticas complexas que realizam de forma profunda esta Comunicação Ancestral.

## **XAMANISMO É COMUNICAÇÃO**

O xamã como aquele que aprimora sua comunicação com os reinos da terra e dimensões da vida, processos aos quais recebe conhecimentos, lhe capacitam à catalisar as forças destes reinos, aplicando os saberes ancestrais recebidos (pela oralidade e pela natureza, que inclui o reino espiritual e os demais). Esse processo de retroalimentação lhe provoca uma transformação em seu sentimento estético e daqueles que estabelecem conexão.

O xamã é aquele que realiza a comunicação ancestral como uma conexão amorosa e sensível, profunda e visceral. Tais práticas são aprimoradas em rituais, cerimônias, estudos astrológicos, psicológicos, filosóficos, práticas espirituais, com instrumentos de poder, danças, cantos, música e ritos. É assim, uma forma de vida, guiada por uma cosmopoética em comunhão com o universo, os elementos da vida e das culturas.

Alimentado pela natureza, pelos saberes ancestrais e nas práticas e rituais, os xamãs alimentam o planeta: preservando todas as vidas como sagradas na manutenção da Terra; construindo saberes a partir de sua ciência, ao manter um aprendizado permanente com os reinos; comunicando-se com seus ancestrais e ampliando vínculos; criando a partir dos elementos da natureza; e aprofundando a dimensão espiritual enquanto grande espaço de sabedoria da vida e de cura. quanto mais interação, mais recebe comunicação. Quanto mais se conecta, mais se está conectado. Ou como na pajelança onde quanto mais se dedica e prática, mais os espíritos e a natureza se aproximam e ensinam, até o processo que se dissolve na natureza.

Neste entendimento, o xamanismo amplia o conceito de comunicação, sendo possível expressar o neologismo “Xamanizar” para representar o ato de se conectar, onde acontece esta comunicação profunda do xamã, numa espécie de comunicação xamânica.

É necessário realizar diálogos pertinentes sobre tais questões a partir da Comunicação Ancestral, sua potência enquanto condição humana de interação com outros reinos vivos e não-vivos, ampliando o significado da comunicação enquanto conexão ancestral e trazendo conceitos e ideias dos saberes da tradição para alimentar diálogos.

Dois pontos de destaque, reflexos da invisibilidade do pensamento indígena, são: primeiro, a distorção de conceitos e ideias, sendo necessário e urgente frear o esvaziamento das

palavras ancestralidade, oralidade, comunidade, solidariedade, gratidão, identidade, etnicidade e enchê-las com as vozes dos indígenas, aqueles que vivem a complexidade e profundidade de tais palavras-pilares e que estão impressas em seus corpos-territórios. Segundo, a importância de resgatar, ampliar e dar espaço aos que pensam os saberes ancestrais. Reconhecer os pensadores da tradição que conhecem a floresta, as espécies de fauna e flora, os espaços sagrados, as representações, seus saberes e a herança ancestral.

Como forma de amplificar tais problemas e na intenção de dar visibilidade, pretendemos trabalhar tais conceitos ditos acima em encontros e aulas da disciplina na área da comunicação, ressaltando autores que pensam as ciências da tradição e ampliando suas ideias e conceitos. Um passo significativo nessa direção foi o projeto Teko Katu realizado em 2024 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em disciplina do PPG em Estudos da Mídia (PPgEM), coordenado pelo professor Juciano de Sousa Lacerda, que contou com a participação de indígenas que apresentaram suas pesquisas e saberes, ao qual participei, assim como das reflexões possibilitadas pelo Grupo de Estudos Pensadores Brasileiros (UFRN). Os diálogos permitiram apreender como são vastas e significativas as ideias indígenas que se conectam e ampliam as ciências da comunicação, ao mesmo tempo que são invisibilizadas e pouco exploradas pela academia.

Nesse sentido, ao dialogar sobre a ideia de Comunicação Ancestral, temos não só um aprofundamento conceitual, crucial para o desenvolvimento das ciências, como também a identificação dos pensadores da tradição e seus contextos autorais que revelará uma comunicação enquanto conexão afetiva com as coisas do mundo, que influencia o modo de vida dos povos indígenas de forma visceral, constituindo sua cosmovisão, os pilares existenciais seus mitos, ritos, territórios, costumes, simbologia, cosmovisões e raízes.

Realizar, assim, este diálogo, tem um papel significativo de abertura das ciências da comunicação para novas ideias, conceitos, narrativas e cosmovisões. Significa renovar o repertório e tornar visível os saberes da tradição, em especial, dos povos originários que são sociedades de conhecimentos e práticas.

A comunicação plena da humanidade com o mundo, ou seja, as capacidades humanas de se conectar com as vidas, pode significar a mudança necessária e urgente que precisamos para sair dos abismos das fakenews, das manipulações e autoritarismos fascistas. Tal movimento aponta para a grande metamorfose, a reforma do pensamento (Morin, 2016) que nos permite vislumbrar novos horizontes e construir novos mundos juntos.

## ESTRATÉGIAS PARA PENSAR

Este ensaio, preparando-se para ser projeto de pesquisa do pós-doutorado, objetiva apresentar uma concepção de metodologia pensada pelas ciências da complexidade que defende a utilização do “método como estratégia”, sugerido por Edgar Morin. Nesta proposta, a pesquisa vai sendo construída à medida em que se desdobram as ações e sua flexibilidade possibilita modificações no roteiro e nos procedimentos, além de ter como matriz princípios como inacabamento, parcialidade, subjetividade e dialogicidade.

O pensamento complexo percebe diversas faces de uma mesma realidade, inclusive as contraditórias que significa integrar simultaneamente as múltiplas dimensões de uma mesma realidade. Estando o referencial metodológico baseado nas ciências da complexidade, especificamente no O Método de Edgar Morin (que compreende 6 livros), Ceíça Almeida (2017) explica seu rigor:

Trata-se de um método capaz de absorver, conviver e dialogar com a incerteza, de tratar da recursividade e dialogia que move os sistemas complexos; de reintroduzir o objeto no seu contexto, isto é, de reconhecer a relação parte-todo conforme uma configuração hologramática; de considerar a unidade na diversidade e a diversidade na unidade; de distinguir, sem separar nem opor; de reconhecer a simbiose, a complementaridade, e por vezes mesmo a hibridação, entre ordem e desordem, padrão e desvio, repetição e bifurcação, que subjazem aos domínios da matéria, da vida, do pensamento e das construções sociais; de tratar do paradoxo como uma expressão de resistência ao dualismo disjuntor e, portanto, como foco de emergências criadoras e imprevisíveis; de introduzir o sujeito no conhecimento, o observador na realidade. De religar, sem fundir, ciência, arte, filosofia e espiritualidade, tanto quanto vida e ideias, ética e estética, ciência e política, saber e fazer. (2017, p. 59)

No método Moriniano firma-se, assim, a estratégia como maneira de pensar durante a ação do pesquisador que tem agora o desafio de “escolher e arquitetar o conjunto de condutas e formas de abordar o problema a ser compreendido” (Almeida, 2017, p. 60).

Ao tratar a metodologia como estratégia, o pensamento complexo provoca pensar também as possíveis bifurcações da pesquisa como aquilo que está na ordem do novo, ideia cara ao físico Ilya Prigogine (2009) que pensa os desvios, possibilidades e flutuações que dizem respeito ao não previsível e aposta na intervenção criativa do sujeito. O que se destaca neste pensamento é considerar o conjunto das múltiplas e diversas narrativas sobre o mundo. Como afirma Ceíça Almeida (2017): “é do impulso de bifurcação que advém o fenômeno novo, a nova interpretação, a originalidade da pesquisa.” (2017, p. 252). que possibilita deslocamentos, em diferentes direções, como no pensamento expresso por Michael Serres (1997), que requer captar o novo e estimular a criatividade, saindo então do programa, onde habita a repetição.

Sendo assim, será um trabalho inicialmente filosófico observacional, com investigação empírica junto aos autores indígenas, com destaque para Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Graça Graúna, Davi Kopenawa, Márcia Kambeba e outros que dialogam com os conceitos de Ancestralidade, etnicidade, etnogênese, memória, oralidade, comunidade e espiritualidade. Outros autores que dialogam sobre os Saberes da Tradição serão trabalhados como Conceição Almeida, Levi-Strauss, Edgar Morin, Viveiros de Castro, dentre outros.

Considerado então o enfoque qualitativo, tal pesquisa realizará um levantamento bibliográfico, sendo revisada a literatura ancestral indígena. As disciplinas, reuniões de orientação e do Grupo de Estudos serão espaços prioritários para a apresentação e discussão desta investigação.

A pesquisa empírica se dará em contato com autores indígenas e xamãs nos lugares de suas práticas e vivências, assim como grupos de estudos do ramo. É importante ressaltar que a tradição indígena, grande parte, é baseada na oralidade, identificando-se da cultura ágrafa e oral, ou seja, que não registram seus ensinamentos e práticas, sendo então necessária a gravação ou filmagem, se permitido pelos sujeitos da pesquisa.

Serão desenvolvidas algumas estratégias de pesquisa, destacando-se a metodologia intitulada Catografia (2022), desenvolvida pela pesquisadora Andrielle Mendes Guilherme em sua tese de doutorado em Comunicação intitulada Comunicadoras Indígenas e a de(s)colonização das imagens, defendida em 2022 e premiada como melhor tese na área da Comunicação no Prêmio Compós de Teses e Dissertações Eduardo Peñuela em 2023.

Trata-se de uma metodologia original, por partir de vivências capilares da autora, e originária, ao ser desenvolvida por uma indígena e realizada em uma pesquisa sobre comunicadoras indígenas, sistematizando saberes da área das comunicações e seus aportes teóricos.

Para a autora, a Catografia foi a metodologia que utilizou para mapear como indivíduos oriundos de grupos sociais escravizados durante a colonização se apropriam das mídias como uma forma de responder às violações decorrentes do racismo estrutural na sociedade. Inspirada na prática milenar de coletores e catadores originários e tradicionais, a Catografia tem como objetivo desinvisibilizar as narrativas de qualquer grupo historicamente discriminado. a estratégia metodológica se inspira no percurso de coletoras de sementes, quando entra na mata em busca de matéria-prima para compor aquilo que ficará conhecido como uma artesanaria (Guilherme, 2022).

De forma objetiva, Andrielle indica que para realizar a Catografia, o que significa a coleta de palavras-semente e catadora de grafias, é necessário observar o campo, coletar os dados, analisar e combinar com diálogos e ideias de representantes e escritores deste universo, no caso, os pensadores indígenas.

Esta metodologia possui três características principais: interesse mútuo entre as pessoas que participam da investigação; vínculo estabelecido entre os interagentes durante a coleta das grafias; e implicação do interagente na pesquisa (os interagentes não respondem apenas, como também fazem questionamentos, suscitam reflexões, apontam caminhos). A Catografia possibilita assim, ampliar a pesquisa, apreender novas reflexões e perspectivas, dar espaço às vozes, numa forma de etnografia visceral de vivenciar os conhecimentos desses povos.

O trabalho de observação será fundamental para compreender demais aspectos além da entrevista, ajudando a apreender elementos importantes da prática ancestral e que trará um entendimento do processo de construção de conhecimentos da comunicação Ancestral.

Para construção da narrativa de aproximação entre a os conceitos indígenas, o xamanismo e o pensamento indígena, para compreensão de uma Comunicação Ancestral, a pesquisa trabalhará com os livros propostos nas disciplinas, orientações e outros levantados sobre saberes indígenas, os conceitos principais, xamanismo e saberes da tradição. Para este último, destaco o livro *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição* (2017) da pensadora Maria Conceição de Almeida e demais escritores sobre o tema.

Teoricamente, este ensaio está embasado nas ciências da complexidade que apostam na religação dos saberes científicos e saberes da tradição com horizonte de construir e ampliar o conceito de Comunicação Ancestral, a fim de compreender uma comunicação complexa. Investe na multiplicidade de conhecimentos, na pluralidade de leituras do mundo e na implicação do sujeito.

Trata-se de abrir caminhos para o reencontro entre diferentes explicações, possibilitando novos caminhos para novas narrativas. Para isso, apresentamos neste ensaio a necessidade de dialogarmos com diferentes autores.

A partir do material bibliográfico que já disponho é possível sistematizar algumas ideias na discussão que envolve Comunicação Ancestral, Saberes da tradição, xamanismo, cosmopoética e comunicação em um olhar complexo, que podem ser definidos como horizonte desse ensaio.

## POR NOVOS HORIZONTES DAS CIÊNCIAS

A complementaridade entre saberes científicos e saberes da tradição se torna imprescindível na construção de uma rede de conhecimentos capazes de proporcionar uma leitura mais completa dos fenômenos, sendo fundamental para entendimento de si, do outro e do mundo.

Alerta Farias (2006) que “a falta de um diálogo entre os saberes da ciência e os saberes da tradição fragmenta o pensamento, delimitando campos diferentes de explicação do mundo, que se distanciam e se opõem ao invés de procurar suas aproximações. Essa fragmentação se prolonga por todas as esferas sociais e a escola não foge à regra” (2006, p. 49).

As ciências da complexidade propõem princípios e inspirações que norteiem um pensamento de conexão de conhecimentos, provocando a construção de uma rede de saberes necessários para entender os fenômenos em múltiplas perspectivas. Saberes da tradição, noção encontrada firmemente nos escritos da pensadora Maria da Conceição de Almeida, principalmente no livro *Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da Tradição* (2017), está colocado como complementar aos saberes científicos, levantando a reflexão de várias questões, dentre elas, a necessidade desta aproximação entre domínios de saberes, problematizando com isso as generalizações e racionalismo excessivos das teorias, desmascarando o que irá identificar como monocultura da mente onde prevalece a visão da cultura científica.

Os saberes da tradição possuem a amplitude de agregar a sensibilidade e formas sutis de compreender o mundo e construir conhecimentos, o que a diferencia do saber rígido e mutilador, porém, sem esquecer, como identifica Ceiza Almeida, que este saber também possui “a destreza, o vigor e o rigor” (2017, p. 14).

O que se entende, inicialmente, é a necessidade de se desconstruir o pensamento que diminui o valor destes saberes da tradição, alertando que não são senso comum. Compreender a profundidade deste saber é um dos desafios desta pesquisa que, por sua riqueza, talvez se revele como resistência à concepção de um “mundo em progresso”, pragmático e baseado numa ciência redutora. O que o ensaio também se propõe a pensar é entender o aspecto de que os ensinamentos da tradição são sagrados, se considerarmos que estes são a única fonte de saberes que têm acesso.

Enfatizam Morin e Edgar Carvalho, no prefácio à primeira edição do livro da Ceiza Almeida, que: A ciência do século 21 deverá religar saberes dispersos, superar as dicotomias entre saberes científicos e saberes da tradição e, desse modo, caminhar para algo mais

transversal, polivalente, retroalimentado pela dialogia natureza e cultura e pela implosão do campo minado da disciplinaridade e da simplificação. (2017, p. 17)

Ao falar em resistência e o modo como se mostra essa forma de pensar dos saberes da tradição, pode ser chamado para o diálogo, no caminhar da pesquisa, a ideia de Pensamento do Sul, concepção de Edgar Morin, que opera na compreensão do outro e de si levando ao movimento de (re)valorização do que denomina de reservas antropológicas que engloba os saberes da tradição.

Reservas antropológicas são, em suma, indivíduos e grupos que desenvolvem o pensamento de solidariedade, una e diversa, como fazem os povos indígenas, e que possui como principal viés o otimismo e a resistência ao cenário de globalização. O termo sul, nesta concepção, significa um modo de pensar e viver “que se organizam por princípios, valores e práticas diversas, distintas e complementares (...) capacidades criativas de regeneração da diversidade cultural” (Almeida, 2012, p. 01), sendo então uma via para pensar e agir no mundo que tende a reorganizar a humanidade, estando o xamanismo neste “cardápio” de experiências que requer disseminação e ampliação.

Os saberes indígenas e suas práticas de Comunicação Ancestral podem ser “casulos do pensamento do sul, como indica Ceíça Almeida, que vincula os aspectos espirituais, mentais, físicos e emocionais à práticas de alcance de saberes para a vida do sujeito e da comunidade, projetando assim uma Comunicação plena.

Assim, como destaque neste ensaio, coloca-se em evidência os saberes indígenas, suas formas de conexão com as formas de vida e os conhecimentos xamânicos como pertencentes à constelação dos saberes da tradição que pode ser considerada como reserva antropológica que resiste às ameaças da monocultura da mente da cultura científica, que nega sua forma de ver o homem, a natureza e o mundo.

O processo que levou a cultura científica a prevalecer como narrativa oficial sobre os fenômenos do mundo, acabou negando o valor dos saberes indígenas enquanto ato comunicativo, em essência, seus saberes e seus caminhos próprios para a construção de conhecimentos e modo de ver o mundo e viver as realidades.

O xamanismo, diante de seus vários entendimentos, é, antes de tudo, um ato educativo ancestral e milenar, presente em várias sociedades, carregado de criatividade e transformação.

Como ressalta Ceíça Almeida (2017), não é um pensamento do passado, como alguns traduzem a palavra tradição, sofrendo excessiva generalização e principalmente cegueira para

as linguagens primeiras, codificadas pelos animais, plantas, águas, ventos e pedras, e também dos espíritos, no pensamento indígena.

A forma de “captar” informações, o modo de reflexão, de representação e narrativa dos fenômenos e noções, como de comunicação Ancestral, aparece de forma complexa, nas primeiras impressões deste ensaio, que entende a consubstanciação dos saberes como resultante de conexões realizadas pelos indígenas e xamã, de forma analógica, com a diversidade da natureza e de outras dimensões.

Pensar o xamã enquanto intelectual da tradição, significa entendê-lo como “um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. (...) que, distantes dos bancos escolares e universidades, desenvolvem a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta” (Almeida, 2017, p. 70).

Em Levi-Strauss encontramos a lógica do sensível que torna evidente, nas palavras de Ceíça Almeida (2017), a “reabilitação de uma ciência primeira, próxima de uma lógica do sensível. (...) experiências das culturas não letradas ou que ainda resistem à ocidentalização do conhecimento, os argumentos levistraussianos realçam a exuberância dessas constelações cognitivas, problematizam o estatuto hegemônico da cultura científica e explicitam estilos outros de pensar o mundo e sistematizar saberes e experiências vividas” (2017, p. 120-121).

Nessa perspectiva, os saberes indígenas fazem parte desta constelação, sendo o livro *O pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss (1976), uma escrita relevante para esta pesquisa ao trazer elementos para pensar saberes imersos na natureza, que apresentam vigor, simplicidade e uma rica estratégia de conhecimento.

Nas ciências da complexidade, Henri Atlan (1993) nos oferece um diálogo sobre a necessidade de uma auto-organização pelo ruído. Nas palavras de Ceíça Almeida “é a partir da decodificação do ruído que se desestrutura a fixação do padrão cognitivo e se ampliam os modelos de referência internos ao sistema” (2017, p. 226). Esta ideia converge para a emergência de pesquisarmos novos padrões de comunicação com o mundo, como por exemplo, a Comunicação Ancestral.

Esta conexão indígena é sutil, requer ouvir os “ruídos” e sinais que se apresentam nas vivências e práticas, sendo estes elementos de investigação desta pesquisa, junto com os autores indígenas e suas ideias.

O que se entende é que no pensamento indígena ocorre uma mudança inicial de concepção sobre o homem, o mundo, a vida, sobre nossas ações e relações com o todo, com si mesmo e com nossas representações, ao mesmo tempo me transformo e transformo o cosmo,

como a “metamorfose da borboleta”, metaforizada e explicado por Ceixa (2017) em seu texto Mapa inacabado da complexidade: voo incerto da borboleta. Sua narrativa torna clara a ideia de complexidade como “estado de ser dos fenômenos e uma estratégia de pensar” (2017, p. 43).

Ao falar das diversas formas de conexão dos indígenas e suas relações com a natureza, a ancestralidade e prática originárias e xamânicas, dialogando com conceitos indígenas e pensadores dos Saberes da Tradição e do pensamento xamânico, a pesquisa pretende ampliar a ideia de uma Comunicação Ancestral, para semear e fertilizar o campo das Ciências da Comunicação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; MORAES, Maria Cândida (Org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.

ARAÚJO, Carlos Eduardo de. **Xamanismo Hoje: diálogos com uma sabedoria arcaica** (UKA, 2022).

ATLAN, Henri. **Tudo, não, talvez: educação e verdade**. Tradução de Fátima Gaspar; Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

Carlos A. Scolari. **Hipermediaciones: Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Gedisa, 2004.

CASSÉ, Michel; MORIN, Edgar. **Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da alma: historias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

GOMES, Lauren Beltrão et al. **As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 25 abr. 2025.

GUILHERME, Andrielle Cristina Moura Mendes. **Comunicadoras indígenas e a de(s)colonização das imagens**. Orientador: Juciano de Sousa Lacerda. 2022. 289f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Antropologia diante dos problemas do mundo contemporâneo**. Tradução Rosa Freire Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do sul**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio (SESC), 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio dória. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem viver**. Lorena, SP: DM Projetos Especiais, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. 2. Ed. Ver. E ampl. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (org. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2009.

SERRES, Michael. **Atlas**. Tradução de João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 323p.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 230 p.

TOLEDO, Victor M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.